

MODERNIDADE EM OLINDA: um acervo arquitetônico a revelar.

*Pedro Henrique Cabral Valadares*¹
Faculdade Damas da Instrução Cristã

*Stephanie Rocha de Araújo*²
Faculdade Damas da Instrução Cristã

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo abordar o tema da arquitetura moderna em Olinda, cidade Patrimônio Mundial da Humanidade. A arquitetura moderna foi grande protagonista em grande parte do século XX e contribuiu de maneira bastante significativa para mudanças programáticas, além de se despir das ornamentações e se imbuir de funcionalidade, sem, no entanto, preterir o aspecto estético. Em Olinda não foi diferente. Embora seu acervo modernista seja modesto em relação ao do Recife, alguns exemplares merecem atenção, seja por características singulares, seja por arranjos típicos de determinadas vertentes, ou mesmo pela autoria de arquitetos de renome, cujas obras em território olindense são pouco ou nada conhecidas. O artigo aborda a arquitetura modernista existente na cidade e sugere, ainda que de maneira preliminar, que tal acervo carece de estudo para que venha a conhecimento público e posterior reconhecimento enquanto bens a serem preservados. Trata-se de uma publicação embrionária de uma pesquisa ampla que se encontra em desenvolvimento.

Palavras-chave

Olinda. Arquitetura. Arquitetura Moderna.

Abstract

The present work aims to address the theme of modern architecture in Olinda, a World Heritage city. Modern architecture played a major role in most of the 20th century and made a very significant contribution to programmatic changes, in addition to getting rid of ornaments and imbuing itself with functionality, without, however, neglecting the aesthetic aspect. In Olinda it was no different. Although its modernist collection is modest compared to Recife's, some examples deserve attention, either for their unique characteristics or for typical arrangements of certain strands, or even for the authorship of renowned architects, whose works in Olinda territory are little or not known at all. The article discusses the existence of modernist architecture existing in the city and suggests, albeit in a preliminary way, that such collection needs to be studied for it to become public knowledge and subsequent recognition as goods to be preserved. It is an embryonic publication of a wide research that is under development.

Keywords

Olinda. Architecture. Modern Architecture.

¹ Arquiteto e Urbanista, doutor em Desenvolvimento Urbano e professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. arq.pedrovaladares@gmail.com.

² Graduanda do 8º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. stephanie-rocha@outlook.com.

1. A ARQUITETURA MODERNA

O Movimento Moderno toma forma a partir do início do século XX como uma iniciativa de rompimento com o historicismo, dando lugar, posteriormente, a uma arquitetura inovadora. Desse modo, surgem novos exemplares arquitetônicos que buscam desviar dos padrões estabelecidos pelo classicismo, barroco e todos os outros estilos anteriores.

De acordo com Benevolo (2001), o modernismo não se limitou a um único lugar ou profissional. Pelo contrário, recebeu diversas contribuições individuais e coletivas, em locais e contextos distintos. No entanto, a contribuição mais significativa partiu da Bauhaus, dos seus mentores, professores e alunos, pelas iniciativas de Walter Gropius. Mas, o Movimento contou também com outros grandes nomes que consolidaram a nova arquitetura, a exemplo de Mies van der Rohe e Le Corbusier.

Após a Primeira Guerra Mundial, notou-se que o déficit habitacional demandava construções que pudessem ser concluídas com maior rapidez, economia e funcionalidade. Com isso, a ornamentação e as composições volumétricas complexas passaram a ser desconsideradas para a nova arquitetura que se implantava.

Nota-se então, que a indústria, outrora criticada por alguns arquitetos e artistas, passa a ser essencial para estabelecer o Movimento Moderno, frente aos estilos historicistas, pois não mais se tratava de uma disputa entre a indústria e o artesanato, mas o atendimento a uma necessidade urgente por meio da inovação construtiva.

É importante perceber o papel essencial da Bauhaus, na Alemanha, nesse processo de efetivação do Movimento. Com grande parte dos artistas e técnicos concentrados na escola, foram realizadas diversas contribuições para a arquitetura e o design, o que fortaleceu o estabelecimento dos alicerces do modernismo pela Europa e para além dela.

Benevolo (2001), discorre também acerca da inovação da Bauhaus, que não se limitava à arquitetura, mas também a todos os seus ideais vanguardistas. Na escola, homens e mulheres estudavam juntos e viviam como iguais, situação distinta ao que o restante da população vivia. Assim, a Bauhaus passou a chamar atenção dos nazistas que se encontravam no poder da Alemanha e passou por diversos tipos de perseguições. Com o fechamento da escola em 1933, os artistas da Bauhaus migraram para outros lugares da Europa e até mesmo para a América, principalmente para os Estados Unidos.

Outra grande contribuição para o Movimento foram os cinco pontos do modernismo estabelecidos pelo franco-suíço Le Corbusier e que culminaram em seu sistema *domino*: fachada livre, janelas alongadas, teto jardim, planta livre e pilotis. Essas características permitiram aos arquitetos da época terem mais liberdade na composição de suas obras, tornando os elementos estruturais independentes das vedações, permitindo, posteriormente, a criação de formas mais orgânicas, utilizando principalmente o concreto armado em sua composição (BENEVOLO, 2001).

A *Villa Savoye* (Figura 1), uma das principais obras de Le Corbusier, é um dos exemplares da arquitetura modernista que apresenta os cinco pontos estabelecidos pelo arquiteto, tornando-se um dos maiores ícones da arquitetura moderna na França e uma referência internacional. Além da *Villa Savoye*, Le Corbusier também é autor de vários outros projetos, como a *Unité d'Habitation* (Figura 2), construída após a Segunda Guerra Mundial.

Figura 01 - Villa Savoye, Poissy, França (1929).
Le Corbusier.



Fonte: Archdaily, 2010.

Figura 02 - Unité
d'Habitation, Marselha,
França (1945 - 1949).



Fo

Fonte: Archdaily Brasil, 2016.

Outro nome de destaque é o americano Frank Lloyd Wright, conhecido por conceber a ideia de que, para tornar um projeto único, deve-se levar em consideração a localização e a finalidade da obra. Um dos seus projetos de maior relevância é a Casa da Cascata, construída em 1936, na qual a integração do espaço arquitetônico com a natureza é notável em todos os detalhes do projeto.

No Brasil, a arquitetura moderna ganhou destaque através de nomes como Gregori Warchavchik, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas, entre outros. A obra considerada pioneira no modernismo brasileiro está situada em São Paulo e é de autoria do ucraniano Gregori Warchavchik, uma casa composta por volumes prismáticos brancos e totalmente desprovida de ornamentação (BITTAR, 2006).

Conhecido pelo famoso Plano Piloto de Brasília, Lucio Costa se destaca no cenário da arquitetura moderna brasileira. Também foi responsável pelo Pavilhão de Nova York e pelo projeto do Palácio Gustavo Capanema, sede do então Ministério da Educação e Saúde durante o governo de Getúlio Vargas, ambos datados de 1939, nos quais contou com a participação de Oscar Niemeyer e equipe.

Autor de diversas edificações modernistas de extrema importância para o país, Oscar Niemeyer tem como marca registrada a curva em seus projetos e é considerado um dos mais importantes arquitetos do Brasil. Destacou-se nos projetos dos edifícios cívicos de Brasília, como é o caso do Palácio da Alvorada, Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal, o Palácio do Planalto, a catedral, o teatro nacional, os edifícios ministeriais etc.

Famoso por suas obras monumentais, Vilanova Artigas também teve uma importante atuação na arquitetura moderna brasileira. É autor dos projetos do edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), do Anhembi Tênis Clube e do Estádio do Morumbi, todos marcados pelo concreto armado aparente, uma característica marcante do brutalismo bastante utilizado pelo arquiteto.

Em Pernambuco, a arquitetura moderna tem como pioneiro o arquiteto Luiz Nunes que trabalhou no início de sua carreira no Setor de Obras Públicas do Estado de Pernambuco, vindo do Rio de Janeiro após se formar na Escola Nacional de Belas Artes. O arquiteto tinha como intenção projetar obras que fossem econômicas e funcionais, ao mesmo tempo em que se preocupava com uma nova estética inspirada no modernismo europeu. Dentre suas obras mais relevantes, destaca-se a Caixa d'Água de Olinda, situada no Alto da Sé, inaugurada em 1936,

considerada a primeira obra modernista da cidade, figurando com a Usina Higienizadora de Leite no Recife, o Leprosário da Mirueira, a Escola Alberto Torres, o Pavilhão de Verificação de Óbitos, entre outras do mesmo arquiteto, como as primeiras obras modernistas em Pernambuco, todas na década de 1930.

Mário Russo, arquiteto italiano, foi responsável também por obras modernistas emblemáticas como a Faculdade de Medicina e o Instituto de Antibióticos da UFPE. Outro nome de destaque na arquitetura moderna pernambucana, foi o arquiteto Delfim Amorim, o qual trabalhou ao lado de grandes nomes da arquitetura pernambucana, como Heitor Maia Neto, que foi seu sócio, e Acácio Gil Borsoi, com quem trabalhou inicialmente. Desenvolveu diversos projetos residenciais, comerciais, educacionais, institucionais entre outros, e suas obras eram famosas pelo uso de azulejos, pedra, tijolos e elementos vazados, adequando-se ao clima da região nordeste.

Assim como Delfim Amorim, Acácio Gil Borsoi também se destacou no cenário do Modernismo em Pernambuco. Lecionou no curso de arquitetura e urbanismo da atual UFPE, no qual contribuiu para a consolidação da Arquitetura Moderna no estado e, sobretudo, na região nordeste. Em sua obra é possível detectar elementos oriundos das construções tradicionais brasileiras, ressaltando o regionalismo nordestino, assim como em parte da obra de Delfim Amorim (AMARAL, 2003; NASLAVSKY, 2003).

2. ARQUITETURA MODERNA EM OLINDA

Olinda, primeira capital de Pernambuco, possui um sítio histórico tombado em nível federal e classificado pela UNESCO, desde 1982, como Patrimônio Cultural da Humanidade. A presença de características arquitetônicas e urbanísticas do período colonial, perfeitamente reconhecíveis e autênticos, tornam tal sítio um grande centro convergente de diversas iniciativas que permeiam distintas áreas de conhecimento e atuação. Todavia, no que se refere ao reconhecimento de outros valores arquitetônicos, Olinda possui um acervo que extrapola seus limites coloniais. Trata-se, aqui, da arquitetura moderna, cujo tema tem recebido maior destaque nos últimos anos, tanto por decorrência do DOCOMOMO e da Academia, como por iniciativas de órgãos de preservação.

Antes, porém, é necessário compreender o contexto em que a arquitetura moderna se fez presente na cidade. Fundada em 1535, Olinda foi assentada sobre colinas que possuíam geomorfologia semelhante à encontrada em Portugal, apresentando características arquitetônicas e urbanísticas tradicionalmente portuguesas, se consolidando no topo desses morros, formando uma vila. Ao longo dos séculos, a vila se expandiu, tornando-se cidade, porém permaneceu crescendo dentro dos limites originais até o século XIX, quando passou a se destacar como cidade balneário. Neste período, as famílias recifenses se mudavam temporariamente para a orla de Olinda, a fim de aproveitar o banho de mar (considerado medicinal na época) e a calmaria das praias olindenses durante os períodos de veraneio, o que acarretou o aquecimento do mercado imobiliário local, contribuindo para a expansão da cidade além do núcleo primitivo (NOVAES, 1990).

Apesar de ser famosa mundialmente por seu sítio histórico, Olinda apresenta exemplares arquitetônicos que vão além das origens coloniais, como por exemplo as casas racionalistas na Avenida Sigismundo Gonçalves (Figura 3) e o Edifício Bethlen no Carmo (Figura 4), representando o período de transição entre o Art Déco e o Movimento Moderno, nos quais os edifícios começaram a apresentar uma redução dos ornamentos, dando ênfase à funcionalidade e a um novo vocabulário estético cada vez mais destituído de ornamentação.

Figura 3: Casa protorracionalista na Avenida Sigismundo Gonçalves, Carmo.



Valadares, 2006.

Fonte: Pedro

Figura 4: Edifício Bethlem na Avenida Liberdade, Carmo.



Fonte: Google Maps, 2019.

No início do século XX, algumas edificações pré-existentes no sítio histórico sofreram reestilizações que visavam modernizar seu aspecto, deixando, principalmente, as fachadas com um aspecto mais simples, abstenendo-se dos ornamentos da arquitetura tradicional, a exemplo de algumas casas e sobrados cujas fachadas foram reestilizadas para Art Déco ou versões vernaculares inspiradas neste estilo.

Entretanto, a área urbana de Olinda ainda se concentrava em seu núcleo primitivo e as demais áreas do município se configuravam predominantemente rurais ou praieiras, que vieram a ser urbanizadas apenas a partir das primeiras décadas do século XX.

A Caixa d'Água foi a primeira edificação modernista da cidade e obedece a alguns dos cinco pontos da Arquitetura Moderna elencados por Le Corbusier, em que o pavimento pilotis, livre de paredes, permite a passagem de pedestres sem bloqueios, além de servir para dar sustentação à edificação. Apresenta ainda as duas empenas cegas, as quais protegem as escadas, e as demais ventiladas e protegidas de insolação por cobogós, elementos vazados amplamente utilizados na arquitetura moderna em Pernambuco (Figura 5).

Figura 5: Caixa d'Água de Olinda, Alto da Sé.



Fonte: Pedro Valadares, 2013.

A obra permaneceu com o status de primeira edificação modernista na cidade durante bastante tempo, enquanto as novas edificações, construídas nas áreas de expansão, como

no Bairro Novo, se apresentavam com estilo missões e também protorracionalistas, racionalistas ou mesmo sem estilo definido.

Além da Caixa d'Água, Olinda apresenta alguns exemplares notáveis em seu território, como por exemplo a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, no bairro de Peixinhos, projetada por Edison Rodrigues Lima em 1958 (Figura 6). De acordo com a revista Acrópole (1958), a igreja fazia parte da antiga vila operária que prestava assistência aos funcionários da Fosforita S.A., uma usina de fosfato existente na década de 1950. Apresenta estrutura em concreto armado, com grandes janelas de vidro que são protegidas por brises horizontais de concreto e coberta em telha francesa, colocada sobre a laje de inclinação acentuada.

Figura 6: Capela para Vila Operária da Fosforita S.A., Peixinhos.



Fonte: Revista Acrópole, 1958.

Outra edificação relevante na cidade é a residência do arquiteto Frank Svensson, projetada por ele em 1964. Cahú e Cantalice II (2018) afirmam que a residência foi o primeiro projeto de Svensson fora do contexto da SUDENE, sendo premiado pelo IAB-PE em 1969 na categoria "Habitação Unifamiliar". A residência é composta por paredes portantes nas laterais em tijolo aparente, nas quais a disposição desses tijolos alterna entre horizontal e vertical, apoiando a laje de concreto aparente (Figuras 7 e 8). As paredes frontais e posteriores não tinham contato com a cobertura, o que criava uma abertura que facilitava a renovação do ar na residência. Atualmente, esta característica não existe mais.

Figura 7: Residência de Frank Svensson. Bairro Novo.



Fonte: Pedro Valadares, 2020.

Figura 8: Residência de Frank Svensson. Bairro Novo.



Fonte: Pedro Valadares, 2020.

A residência Antônio Fernandes da Silva (Figura 9), projetada por Delfim Amorim e Heitor Maia Neto em 1969, é uma casa composta por dois pavimentos que apresenta em sua fachada uma modulação proporcionada por elementos verticais. A fachada frontal desta

residência está descaracterizada com revestimento cerâmico, mas seu traçado permanece, aparentemente, original.

Figura 9: Residência Antônio Fernandes da Silva. Bairro Novo.



Fonte: Pedro Valadares, 2021.

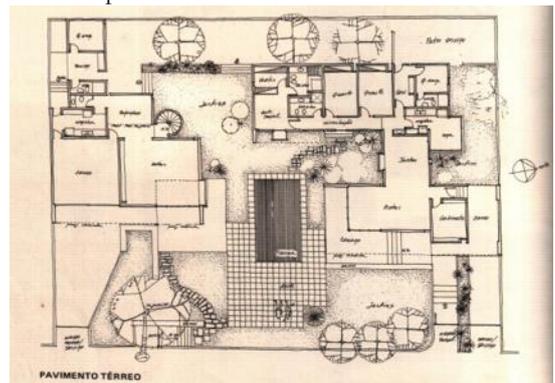
As duas residências familiares no bairro de Jardim Atlântico, projetadas por José Goiana Leal em 1976, destacam-se pelos materiais aparentes, como concreto e tijolo (Figura 10). Localizadas lado a lado, ambas as casas pertencem a uma mesma família (Módulo, 1982) e, por esta razão, não há muro entre elas e as áreas de jardim são compartilhadas (Figuras 11).

Figura 10: Residência em Jardim Atlântico. Vista geral.



Fonte: Pedro Valadares, 2020.

Figura 11: Residência em Jardim Atlântico. Planta baixa do pavimento térreo.



Fonte: Revista Módulo, 1982.

Uma obra de grande relevância arquitetônica para o estado de Pernambuco está situada em Olinda, ao contrário do que sugere o senso comum. Trata-se do Centro de Convenções do estado (Figuras 12 e 13), cujo projeto resultou de um concurso nacional. Projetado por Joel Ramalho Jr., Leonardo Tossiaki Oba e Guilherme Zamoner, entre 1977 e 1983, o Centro de Convenções é, até os dias atuais, uma das obras de maior relevância para a arquitetura moderna do estado. O edifício está situado no limite com o Recife, destacando-se pelo uso do concreto aparente, mas, principalmente, por sua volumetria imponente, pelas curvas e riqueza na articulação dos espaços.

Figura 12: Centro de Convenções de Pernambuco.



Fonte: Pedro Valadares, 2016.

Figura 13: Vista interna do Centro de Convenções.



Fonte: Pedro Valadares, 2016.

O período em que a arquitetura moderna vigorou no Brasil é, ainda, um ponto de divergência entre os principais pesquisadores deste tema. Segawa (1998) aponta para o surgimento do pós-modernismo, no Brasil, em meados dos anos 1970, quando havia ainda uma grande produção de exemplares ditos brutalistas. De todo modo, é sabido que a prática de um estilo não se encerra quando outro é adotado, o que resulta em concomitâncias de estilos e linguagens distintos por algum tempo. Neste sentido, é possível constatar em projetos dos anos 1980, por exemplo, quando o pós-modernismo esteve em seu ápice no Brasil, elementos do vocabulário modernista, principalmente os que foram desenvolvidos em vertentes regionalistas e brutalistas, como é o caso de algumas edificações em Olinda.

A residência localizada na Avenida Ministro Marcos Freire (Figura 14), nº 3425, é uma obra *suis generis* na cidade, principalmente pelo arranjo de linhas oblíquas na fachada frontal. Embora sua data de construção seja ainda uma incógnita, sabe-se que o projeto é assinado pela arquiteta Jadiceli Dantas, formada pela Universidade Federal de Pernambuco no final dos anos 1970. Extraoficialmente, sabe-se, porém, que a casa pode ter sido projetada nos primeiros anos da década de 1980. A utilização de concreto aparente em sua estrutura, bem como nos guarda-corpos e no muro frontal, evidencia a permanência de uma prática bastante comum na arquitetura moderna brasileira desde os anos 1960. Atualmente, o aspecto original da casa está descaracterizado devido à pintura sobre o concreto e ao aumento do muro frontal. Contudo, suas feições características permanecem reconhecíveis.

Figura 14: Residência nº 3425 na Avenida Ministro Marcos Freire. Jadiceli Dantas.



Fonte: Pedro Valadares, 2019.

O antigo Banco do Estado de Pernambuco - Bandepe (Figura 15), situado na Avenida Getúlio Vargas em Olinda, foi projetado em 1980 por Acácio Gil Borsoi, um dos grandes nomes da arquitetura moderna em Pernambuco. Suas fachadas em concreto e tijolos aparentes são características marcantes do regionalismo adotado pelo arquiteto. Atualmente, o edifício abriga uma agência do Santander, mas sofreu diversas descaracterizações, internas e externas, com o lamentável encobrimento dos tijolos aparentes (ou sua substituição) e o mascaramento dos arcos em concreto (Figura 16).

Figura 15: Antiga agência do Bandepe, Bairro Novo. Acácio Gil Borsoi.



Fonte: Arquivo Público de Olinda, s.d.

Figura 16: Antiga agência do Bandepe, atual Santander.



Fonte: Google Maps, 2019.

Situado no sítio histórico de Olinda, o Colégio São Bento (Figura 17), projetado pelo escritório Sena Caldas & Polito, inaugurado em 1983, é uma edificação que se destaca na paisagem, porém, sem interferir negativamente na mesma. O projeto levou em consideração o entorno existente, atendendo às exigências do IPHAN, mas sem perder suas particularidades. O

concreto foi utilizado na edificação de maneira aparente em alguns trechos, ora pintado na cor branca para dialogar de maneira positiva com as edificações circundantes. Em suas fachadas, observa-se o sistema construtivo de pilares e vigas, além da forte presença de cobogós, bem como um arranjo de reentrâncias e saliências promovido pela conjugação de armários e janelas. Os cobogós (Figura 18) são utilizados em diversos ambientes do colégio, dentre eles a quadra de esportes, na qual apresenta dinamicidade na composição. Neste mesmo local, destaca-se a cobertura em cerâmica armada, que remete a várias casas conjugadas.

Os artifícios utilizados na composição do colégio propiciam, não apenas a positiva integração ao sítio, mas também condições favoráveis de captação de ventilação natural e proteção aos rigores climáticos, assim como se disseminou em diversas obras regionais, à luz do que preconizava Armando de Holanda Cavalcanti (1976).

Figura 17: Colégio de São Bento.



Fonte: Pedro Valadares, 2019.

Figura 18: Quadra do Colégio São Bento.



Fonte: Pedro Valadares, 2019.

Em 1984, foi inaugurada a agência da Caixa Econômica Federal (Figura 19), projetada por Borsoi, em concreto aparente, pele de vidro e cobertura em cerâmica armada ondulada. Tratava-se de uma das obras mais emblemáticas da cidade, mas que foi demolida em 2008 para a construção de um edifício empresarial (Figura 20), embora com área reservada para o banco no pavimento térreo.

Figura 19: Caixa Econômica Federal.



Fonte: Acervo Acácio Gil Borsoi, s.d.

Figura 20: Atual Caixa Econômica Federal.



Fonte: Google maps, 2019.

Dentre as obras modernistas existentes em Olinda, destaca-se também a antiga torre da TV Manchete (Figura 21 e 22), cujo projeto é atribuído ao escritório de Oscar Niemeyer. Entretanto, a autoria deste projeto ainda carece de confirmação, pois, até então, a única menção

que se refere a Niemeyer como autor desta obra é uma matéria do Diário de Pernambuco de 1984, ano em que a torre foi inaugurada no bairro de Ouro Preto.

Figura 21: Torre da antiga TV Manchete.



Fonte: Pedro Valadares, 2019.

Figura 22: Torre da antiga TV Manchete.



Fonte: Pedro Valadares, 2019.

Todavia, nenhuma obra modernista na cidade possui proteção legal individual, como ocorre com alguns imóveis do período colonial. Nem mesmo a Caixa d'Água, obra modernista pioneira em Olinda e uma das primeiras do estado, possui tombamento ou proteção equivalente em nenhuma instância, seja ela federal, estadual ou municipal. A obra se encontra apenas inserida no Polígono de Tombamento que abrange o sítio histórico da cidade, o que não a protege integralmente, tornando-a passível de sofrer descaracterizações por lacunas legais.

O acervo de arquitetura moderna em Olinda é maior e mais diverso do que o que foi apresentado aqui. Até o momento, já foram localizados 290 imóveis que ora são indiscutivelmente modernistas por excelência, ora possuem elementos ou características que, de maneira modesta, foram propostos pelos autores de seus projetos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a arquitetura moderna no Recife seja mais vultosa e possua edificações mais emblemáticas, arquitetura moderna existente em Olinda possui exemplares mercedores de maior aproximação acadêmica, governamental e turística. Trata-se de um acervo ainda desconhecido, ou muito pouco conhecido, o que abre portas ao desaparecimento.

Destaca-se neste texto que os olhares acadêmicos, turísticos e institucionais, nacionais ou internacionais, quando se referem à Olinda, concentram-se nos limites do sítio histórico da cidade, postura justificada pelos inquestionáveis valores existentes e associados ao lugar. Porém, convém alertar para que se considere que uma cidade, principalmente da ancianidade de Olinda e da história que ela ostenta, deve ser explorada, no sentido de examinar, para além dos contornos já reconhecidos como patrimônio. Este alerta se baseia na premissa de que grande parte de valorosas edificações e espaços urbanos se perderam por não ter havido ações prévias, planejadas e articuladas, que antecedessem perdas lamentáveis, a exemplo das grandes reformas urbanas ocorridas no Brasil no início do século XX. Igrejas barrocas, arruamentos, palácios, sobrados, entre tantos outros testemunhos de nossa história.

É provável que a consagração do sítio histórico de Olinda enquanto Patrimônio Mundial da Humanidade como conjunto autêntico do período colonial, juntamente com o lamentável estado de conservação das demais áreas da cidade e a efervescência imobiliária da orla obscureçam, de alguma forma, o interesse por desbravar a cidade com o intuito de descobrir outros valores passíveis de serem preservados.

Atualmente, com o fortalecimento do reconhecimento nacional e internacional da arquitetura moderna como patrimônio, e com a velocidade com que as intervenções urbanas têm ocorrido, promovidas, principalmente, pelo mercado imobiliário, urge dar celeridade, também, a ações concretas e efetivas de conhecimento, reconhecimento e posterior salvaguarda de exemplares modernistas, visando evitar que ocorram mais perdas, assim como já ocorreu com monumentos de outros períodos. As recentes demolições de residências no Recife, projetadas por Delfim Amorim e Vital Pessoa de Melo, dois grandes nomes da arquitetura moderna pernambucana, ampliam o sinal de alerta já aceso há muitos anos.

Embora algumas edificações modernistas já sejam protegidas por lei, a quantidade ainda é ínfima diante do rico acervo desta arquitetura no Brasil. No Recife, o problema se repete. Em Olinda, porém, a situação é ainda mais grave, pois apenas a Caixa d'Água e o Colégio São Bento possuem alguma proteção legal por estarem no polígono de tombamento do sítio histórico. Dos 290 imóveis modernistas já localizados na pesquisa, menos de 1% é conhecido ou é raramente conhecido ou lembrado. De modo geral, a Caixa d'Água predomina como a única edificação modernista de Olinda contemplada em estudos sobre este tema, certamente pelo pioneirismo de sua arquitetura no país.

A inexistência de estudos e ações institucionais concretas em favor do conhecimento, do reconhecimento e da salvaguarda de exemplares da arquitetura moderna em Olinda põe em risco um acervo que, como já dito, embora modesto, integra um conjunto que narra a história da expansão urbana da cidade, bem como denuncia que a arquitetura moderna não se restringe aos grandes centros urbanos, nem apenas aos exemplares extraordinários. Assim como o sítio histórico de Olinda possui igrejas tanto modestas como rebuscadas, e todas possuem algum nível de reconhecimento e proteção legal, a arquitetura moderna também se apresenta com nuances e gradações na complexidade, ou ausência desta, em seus arranjos estruturais, funcionais e plásticos. A casa projetada por Jadiceli Dantas, por exemplo, com partido de linhas oblíquas na fachada frontal, é um exemplo incomum, raro no estado, e não foram encontrados estudos que a abordem, muito menos qualquer menção de intenção por classificá-la como bem a ser preservado.

A ausência de proteção legal permitiu a perda de edificações emblemáticas em Olinda, como as agências bancárias do Bandepe e da Caixa Econômica Federal, ambas projetadas

por Borsoi. Perdas como estas ainda podem ocorrer, principalmente porque a maioria dos imóveis ainda é desconhecida pela maioria dos pesquisadores e dos gestores. Descaracterizações também ocorrem, estas em maior número, e vão mascarando a distinguibilidade dos traços modernistas, dificultando, ainda mais, todo o processo.

A pesquisa sobre a arquitetura moderna em Olinda visa ampliar a noção de patrimônio na cidade, ultrapassando os limites do universo colonial, direcionando os olhares para outros valores ainda inexplorados. Neste sentido, o recorte temporal tem início na Caixa d'Água, por ser a pioneira na cidade, e avança aos anos 1980, visto que se constatam persistências de vocabulário modernista, de vertentes distintas, em algumas edificações desta década.

É notória a dificuldade em reconhecer a arquitetura moderna como bem a ser preservado, ora pela sua proximidade temporal, ora pela predominância da noção de que apenas a arquitetura pré-moderna, de origem colonial ou imperial, é testemunha de uma história de valor inquestionável.

Vale salientar que, se nem mesmo as edificações modernistas conhecidas e reconhecidas como tal possuem tombamento, ou qualquer outra proteção legal, e estão passíveis de sofrer descaracterizações, o desconhecimento total do acervo modernista de Olinda contribui para o apagamento da memória arquitetônica e urbana do período em questão.

REFERÊNCIAS

ACRÓPOLE. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1938-1971. Disponível em: <http://acropole.fau.usp.br/edicao/236/> Acesso em: 18 ago. 2021.

AMARAL, Izabel; NASLAVSKY, Guilah. **Identidade nacional ou regional: a obra do arquiteto Acácio Gil Borsoi.** In: SEMINÁRIO DOCOMOMO ARQUITETURA E URBANISMO MODERNOS, 5., 2003, São Carlos. Anais... São Carlos: EESC, 2003.

ARAÚJO, Natália Miranda Vieira de; MAIOR, Gabriela Souto. **INTERVENÇÃO NA CAIXA D'ÁGUA DE OLINDA: Valorização e ressignificação do modernismo.** In: Seminário DOCOMOMO Brasil - Norte/Nordeste, 7., 2018, Manaus. 2018.

BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001

BITTAR, William. **Formação da Arquitetura Moderna no Brasil (1920-1940).** In SEMINÁRIO DOCOMOMO MODERNO E NACIONAL, 6., 2005, Niterói. Anais...Niterói: EdUFF, 2006.

CAHÚ, Tereza Raquel Dutra; CANTALICE II, Aristóteles de Siqueira Campos. **POR UM BRUTALISMO SOCIAL: A obra de Frank Svensson em Pernambuco.** In: Seminário DOCOMOMO Brasil - Norte/Nordeste, 7., 2018, Manaus. 2018.

HOLANDA, Armando de. **Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.** 3 ed. Recife: CEPE, 2018.

MÓDULO. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1955-1986. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=006173&Pesq=1982&pagfis=6692> Acesso em: 18 de agosto de 2021.

NASLAVSKY, Guilah. **A Escola Pernambucana ou tradição inventada? A construção da história da arquitetura moderna em Pernambuco, 1945-1970.** In SEMINÁRIO DOCOMOMO MODERNO E NACIONAL, 6., 2005, Niterói. Anais...Niterói: EdUFF, 2006.

NOVAES, F. **Olinda: Evolução Urbana.** Recife: FUNDARPE, 1990.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil, 1900-1990.** São Paulo: Edusp, 1998.